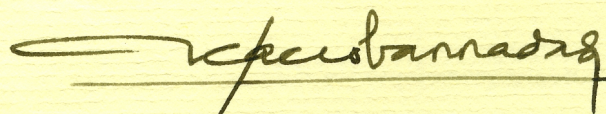


Meu caro Anten Manuel

Recebi a tua carta de tacto de 8 deste
mês e fiquei na dúvida sobre se sim
ou não terias lido, na mesma data, a
parte II do folheto BB/Cesariny. Pensan-
do/bem, achei que não, pois não te via
as domingos a sair de casa e a ler o
«Diário de Notícias». Por isso, aqui te
envio o recorte.

Sentretanto quero agradecer-te a seri-
queza. Fiquei tão emocionado com a su-
presa que me ~~sei~~ ^{quis} sozinho e toda a gente
que me rodeava ~~me~~ ^{quis} saber porquê. Está a
emoldurar e vai pare o meu quarto.

Um abraço apertado do teu muito
amigo e admirador



Lisboa, 16.12.91

«Equívocos de Cesariny»

A EDITORA Assírio & Alvim remeteu ao nosso director, com data de 25 de Novembro, a seguinte carta, subscrita por Manuel Hermínio Monteiro:

«Na página 7 da "Revista de Livros" do DN de 17 de Novembro, sob o título *Vertigem e queda*, Maria Teresa Horta analisa, de modo exemplar, a versão de Mário Cesariny do livro *Heliogabalo*, de Antonin Artaud.

Inserido na mesma página aparece um despropositado destaque, com o título *Equívocos de Cesariny* e assinado por A. B., cujo conteúdo motivou esta nossa carta enquanto editores da referida obra.

Estranhámos, primeiro, que a nota de A. B. se tivesse sobreposto ao texto da crítica, com reprodução de uma outra capa que não a do livro criticado, rodeando-se por um destacado filete para realçar um título que achamos exagerado: *Equívocos de Cesariny*.

A razão do texto de A. B. provém de uma pequena nota de Cesariny no final do livro referido. Nela se atribui a tradução portuguesa de *O Teatro e o Seu Duplo* não a Fiamma H. P. Brandão, como deveria ser, mas a Manuel Grangeio Crespo. É um erro e não um equívoco, como poderá ser confirmado pelos dicionários mais baratos. Mas A. B. perde a razão quando, grosseiramente,

escreve: "Muito distraído deve andar Mário Cesariny por não ter referido que, desde 1989, *O Teatro e o Seu Duplo* está ao dispor dos leitores portugueses interessados, através de uma excelente edição de A Fenda."

Na verdade, distraidíssimo deve andar A. B. porque deveria saber que a edição de *Heliogabalo*, com tiragem de quatro mil exemplares, é de 1982, de que se fez agora nova reimpressão. Só por excepcionais dotes de prestidigitação se saberia em 1982 de uma edição de 1989.

Os equívocos ficam, pois, com A. B. porque pretende explorar o erro numa pequena nota à margem do texto criticado, contrapondo-o a uma crítica entusiasta e séria, e a reprodução de uma capa que não é a da obra criticada reforça o equívoco.

Se as intenções de A. B. são as de expor publicamente inimizades pessoais, como parece, é jornalisticamente deplorável. Mas se pretende apenas aproveitar-se da versão de *Heliogabalo* para enaltecer outra edição, só serviu mais alimento ao equívoco. Primeiro, a edição de *O Teatro e o Seu Duplo*, de A Fenda, é excelente sob todos os aspectos. Merece uma crítica desenvolvida, dispensa boleias e não merece servir os jogos e equívocos. Segundo, Mário Cesariny é um grande poeta e fez uma tradução notável. Não há quaisquer equívocos nisto. Goste ou não A ou B.»

Nota de Redacção — Durante esta carta de Manuel Hermínio Monteiro chega-se à conclusão de que Mário Cesariny não se equivocou: errou. Mas só errou num dos equívocos: o de atribuir a Crespo o que é de Fiamma. Quanto ao segundo equívoco (o de afirmar que, depois da Minotauro nos anos 60, «ninguém mais hoje» editara *O Teatro e o Seu Duplo* de Antonin Artaud), o erro seria nosso. Isto porque a de Cesariny afinal estaria certa quando surgiu, em 1982, na edição inicial de *Heliogabalo*, de que se teria feito «agora nova reimpressão»

Note-se, porém, que a edição presentemente à venda nas livrarias está datada de Setembro de 1991 e não indica, em parte alguma, tratar-se de uma «reimpressão». Logo, é a partir da data registada (1991) que os textos do tradutor incluídos no volume podem e devem ser considerados. Assim, quando Cesariny declara, em «Nota do Tradutor», que «ninguém até hoje imprimiu» *O Teatro e o Seu Duplo*, este «até hoje» só pode ter como referência a data da respectiva edição. Ora se o texto de 1982 foi reimpresso em 1991 sem a indispensável actualização, errou não só o seu autor mas também a editora, porque solidariamente procederam de forma a induzir em erro os leitores.

Quanto às demais considerações de Manuel Hermínio Monteiro, é sobretudo lamentável a intriga subjacente à in-

20

ANTONIN ARTAUD

a gula de um deus. Êsse Deus, Elagabalus, ou Píncaro da Montanha, Píco Radioso, vem de muito mais longe. Talvez, na velha cosmogonia fenícia, se chamasse Desejo—e êsse desejo, como o próprio Elagabalus, não era simples, vinha da fusão multiplicada e lenta dos princípios que reverberavam no fundo do Sôpro do Caos. De todos êsses princípios, o Sol é apenas a figura reduzida, imagem para devotos fatigados e decaídos.

Digamos que o Sôpro que estava no Caos se enamorou dêsses princípios; e que é dêsse movimento em frente, dessa espécie de ideia iluminante, que nasceu um desejo consciente.—Há no Sol fontes vivas, uma ideia de caos reduzido e completamente eliminado.

Ora, aquilo que no corpo humano representa a realidade dêsse sôpro não é a exalação pulmonar, que estaria para êsse sôpro como o sol no seu aspecto físico está para o princípio da reprodução—é essa espécie de fome vital, cambiante, opaca, que percorre os nervos com as suas descargas e entra em conflito com os princípios inteligentes da cabeça. E, por sua vez, êstes princípios recarregam o sôpro pulmonar e conferem-lhe todos os seus poderes. Ninguém pretenderá que os pulmões que revitalizam a vida não estão sob o comando de um sôpro vindo da cabeça. E a cabeça de Elagabalus, deus de Emesa, trabalhou sempre muito.

Mas, em 179, quando Séptimo Severo toma na Síria o mando da 4.^a Legião Scita, já nada resta da alta cosmogonia fenícia, descrita por Sanconiatão, a não ser essa pedra negra caída do céu: êsse monolito, êsse bloco

A ortografia segundo Cesariny, numa página de «*Heliogabalo*»

vocação de hipotéticas inimizadas pessoais para interpretar o que não passou de mero exercício do legítimo direito de crítica a um altíssimo poeta, por isso mesmo merecedor de uma admiração exigente e não de uma devoção acéfala.

Nesse sentido — e retribuindo a recomendação de uma consulta aos tais dicionários «baratos» —, formulamos votos de que a editora Assírio & Alvim venere a língua portuguesa pelo menos tanto quanto o génio de Cesariny, a fim de impedir, numa eventual futura reimpressão de *Heliogabalo*, a epidemia de erros ortográficos que nele se patenteiam.

Para que conste o que é a ortografia segundo Cesariny, eis algumas amostras colhidas a esmo apenas nas 35 páginas de *O berço de esperma*, primeira parte do livro em referência:

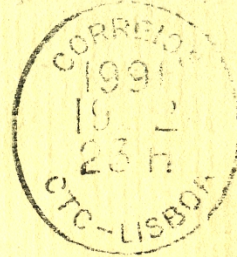
«Apêlo/Abandôno/côr/côrte/cíclopes/contrôlo/deante/dêcor/êste/dêste/êsse/dêsse/esvasados(?)/êle/nêle/estôfo/fôrça/gôsto/gôzo/Píco/pôsto/pêso/quasi/rugedores (em vez de rugidores?)/sôbre/sôpro/subterrâneas/subtilisado/tôrno/trôno/vêrga.»

Ante tais exemplos, por muito que custe a Cesariny submeter os seus textos a um revisor, a verdade é que, para se dispensar de o fazer, deverá proceder quanto antes à revisão dos seus conhecimentos de ortografia.

A. B.

A. Bamadas
Av. da Liberdade, 266
1200 Lisboa

01.43



para
ARTUR MANUEL DO CRUZEIRO SEIXAS
R. da Rosa, 152 3º Dto.
1200 Lisboa



Acácio,

UNIVERSIDADE DE EVORA

Arquivo fcs

01.43.01

A entrevista com o Cruzeiro Seixas ainda se está a fazer dentro de mim. Preferi até não a desgravar logo no dia seguinte para ganhar distância. Foi uma longa conversa que passou pela vida, pela obra, pelo amor, pela morte, pelos surrealistas (até pelo amor-ódio pelo Cesariny), pela cidade, pelo país, por África, a sua Paris.[PAR]

Cruzeiro Seixas é, de facto, uma pessoa com letra grande, que merecia muito mais do que lhe foi dado. Ele é excessivo e eu se calhar também, mas penso que se terá estabelecido uma empatia...[PAR]

Vou propor a entrevista para o DNA. Merece. Além disso a gravação tem 100 minutos. É pouca palha. Vamos ver se o Eurico não se zanga e se o Pedro aceita. Seria pena cortar um diálogo que não é fragmentário, mas extremamente fluido. A cor também é importante. Pode ficar documental, porque ele revela-se.[PAR]

Obrigada pela oportunidade que me deu de o conhecer.[PAR]

Um abraço.[PAR]

Ana.[PAR]

GASTAO 31-OUT-97,17:08

(FIN)

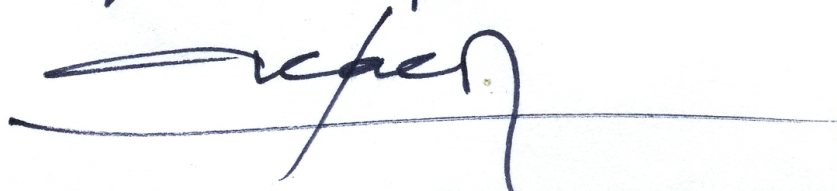
Meu caro:

Encontrei no computador a mensagem que acima transcrevo para teu conhecimento. Como vês, a Ana Marques Gastão ficou impressionada contigo. Por minha parte, fico feliz por ter contribuído para estender a ponte e eliminar «a priori» algumas arestas que poderiam surgir, fruto da tua proverbial desconfiança relativamente aos jornalistas.

Posso entretanto informar-te que a entrevista está preparada para sair no suplemento DNA de 22 de Novembro.

Um forte abraço do amigo de sempre

Lisboa 5/11/97



Diário de Notícias s.a.

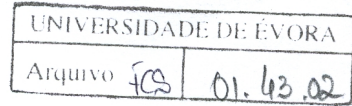
Apartado 2346 / 1108 LISBOA CODEX
Av. da Liberdade, 266 - 1250 LISBOA

01.43.01

Para o artista
Artista Manuel do Cruzeiro Seixas
R. de Rosa, 152 - 3.º Dt.
1200 Lisboa

Mr. Manuel do Cruzeiro Seixas

Meu caro :



Aí vai a "Babilónia", que te dá a atenção que às vezes te recusam em Portugal.

Já falei com o José Carlos Vasconcelos, director do « JL », o qual me falou dos problemas resultantes do tamanho do teu texto e da impossibilidade técnica de o inserir no próximo número. Perguntou-me se fazia sentido publicá-lo depois de a expor no Chiado encerrar, o que parece estar para breve. ~~Disse~~ Disse-lhe que não lhe podia dizer nada sobre isso, visto que não conheço o texto, mas sim o autor — e que, pelo autor, acho que o texto tem sempre interesse e oportunidade.

Dei-lhe o teu número de telefone e ele ficou de falar directamente contigo.

Mue abraço de

Lx. 17/9/01

— requie barradas

PS — Ainda não falei com a Maria Augusta Silva sobre a homenagem que te não fazes em Sábados de Comportez, porque hoje estou de folga. Mas amanhã voltarei a contactá-la. 20

Amigo Seixas

Vi há dias a tua exposição na galeria Galveias e saí de lá com asas nos ombros e navos nos olhos. Gostei sobretudo de verificar que a tua trajectória artística está lá bem documentada, desde os africanos anos 50 até à actualidade. Como sou um pelimtra, tive que me satisfazer em adquirir o catálogo, que me pareceu bem elaborado, embora discorde do retoque que deram à pintura reproduzida na capa, cujo original tem um recorte irregular, mas que foi eliminado para uma geometria de régua e esquadro.

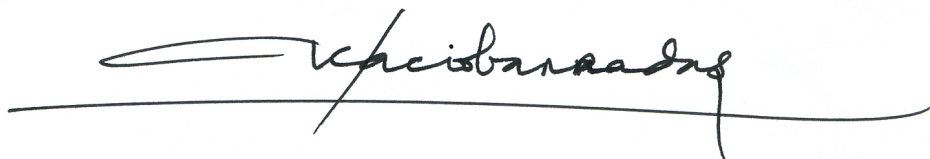
Soube pela Dalila que estás com problemas de visão (por isso te escrevo com esta letra sobredimensionada, para facilitar a leitura) e espero que lhe dês ouvidos quando te for aconselhado o tratamento necessário. Os teus olhos são demasiado precioso para perderem a luz.

Hoje há mil maneiras de os tratar, com cem por cento de êxito. Leço-te, pois, que não desistas e que lutes para lhes restituir a capacidade de ver... com olhos de ver.

Estou a escrever-te para te pedir um favor. Preciso de contactar o artista António Domingues e não sei como. A última vez que o vi foi no Júlio de Matos, quando lá estiveste a falar num colóquio sobre o surrealismo. Por isso fiquei com a ideia de que saberás onde ele se encontra e pode ser contactado. Se assim for, informa-me, por favor.

E, de momento, é tudo.

Crê na velha amizade do teu,



ACAÍCIO BARRADAS
R. João de Freitas Branco, 15-7º B
1500-359 Lisboa
Telum. 96 250 74 87

O Passaporte da ONU - roubado pelo Espanhol no Comboio e os emigrantes de comboio - são o Terror da Península.

O Tribunal Judicial de Abrantes e' da ONU do Barata e Gil ETE-ETA

O Passador de Castelo Branco, o Sua Câmara Municipal

Eviva a Hibernia



CHURRO PRATES - S. Miguel
REMETENTE

Mário Rui N. Cordeiro

O Cata'logo - da Pintura Abiautina Exporicao 1983 - e O quaida do Museu do Castelo deve ser de Braga - o pior e' o Ressepisse' so' por 3 meses e o Foyer de Montreuil - e a ponta e mola do ze' Silva deve ser a guarda. CIBIL

100ha o Metro

ESCREVA O CÓDIGO POSTAL NAS ZONAS SOMBRADAS

ENDEREÇO

Exmo SR - MÁRIO CASTRIM

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Av. da LIBERDADE

(a propósito da Mota do Colaco e

das Festas da Cidade - ou seja - da Recuperação dos Detencidos do Sardoal)

Vai para Vendas Novas

LISBOA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo
01-480.04
FCS

Eu já avisei os porcos com os nomes em livros recu-
deruados — que faço-lhes a trouba num bolo —
este País Porco — 'cheio de porcos e porcas
com ordeuadito — aqui em casas a roubar em
o Estado — a estrada do La Salle e 'so' Duque —
a Escola Industrial e Comercial — está creada de
construções do Ze' Lopes da Encarnação e da Rua
5 de Outubro e a PINTURA ABRANTINA —
quer e' Notas — então desde que o Porco
Cardozo do Macão — roubou o Cruzeiro Seixas
e a Tapeçaria 3'45 — mas o assunto e' o
roubo de 'Café' Abadia e dos Registos Civis e coisas
incriveis — esta cidade e' so' cachopada do Obis
e dos Mineiros — ou seja — o Café Pelicano —
roubou o Diario de Lisboa — Juvenil — e um tal Lacaõ
Costa toda a gente sabe — o padrinho e' o Ze' Ferraz Diogo —
o irmão e' Helder — e o Pai e' o Honfepio Soares
Mendes — só falta a HOTA —

Meu caro Anter Manuel

Lembres-te de te ter falado num meluco que escreve dezenas de postais ao DN, falando sem nexo de tudo e mais alguma coisa?

Num desses postais (que aqui te envio) é citada. Não entendi por quê, mas talvez tu tenhas a chave do mistério.

Um abraço do

cafebanned

Lx. 11/1/96

Diário de Notícias, S.A.

Apartado 2346/1108 LISBOA CODEX
Av. da Liberdade, 266 - 1200 LISBOA

01.114.01



Para o artista
ARTUR MANUEL DO CRUZEIRO SEIXAS
R. da Rosa, 152 - 3.º - Dt.º
1200 Lisboa

